

**Projeto:** Entre a Casa, as Ruas e as Instituições: crianças e adolescentes em situação de rua e as instituições de acolhimento no estado do Rio de Janeiro

Levantamento da Produção Acadêmica sobre Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes (2000-2021)

**Coordenação:** Irene Rizzini (PUC-RIO/CIESPI - Apoio: FAPERJ/CNE)

## Ficha

1) Referência – CARVALHO, Cíntia; MOURA, Gabriella Garcia; AMORIM, Kátia de Souza. Práticas de cuidado de crianças com bebês em instituição de acolhimento. Revista Psicologia em Pesquisa, Juiz de Fora, v. 13, n. 3, p. 48–72, 2020.

2) Resumo e Palavras-Chave – Buscando investigar práticas de cuidados de crianças com bebês em acolhimento institucional, conduziu-se estudo de caso exploratório e longitudinal acompanhando Ana, bebê com idade entre 10-12 meses. Por meio de videograções semanais, em ambiente naturalístico, foram categorizados episódios de cuidado. Três categorias finais foram descritas: cuidados orientados por atenção; cuidados orientados por solicitude (criança atendeu à necessidade expressa do bebê) e; cuidados orientados por tensão (criança agiu frente a um risco ao bebê). Discutiu-se o caráter empático e pró-social destas práticas e seu potencial para promoção do desenvolvimento e aprendizagem das crianças acolhidas e formação da sua rede socioafetiva. Destacou-se, também, o papel mediador do adulto no planejamento do ambiente, da supervisão e da significação das ações das crianças nestes encontros.

Palavras-Chave: cuidado da criança; criança acolhida; interação social.

3) Objetivo do estudo – Investigar práticas de cuidados de crianças com bebês em acolhimento institucional.

4) Tipo de pesquisa – Qualitativa.

5) Período da pesquisa – Março a junho de 2016.

6) Forma de coleta de dados – Para a busca de compreensão dos processos interativos das crianças acolhidas, a presente pesquisa tomou como base a perspectiva teórico-metodológica da Rede de Significações (RedSig) (Rossetti-Ferreira, et al., 2004). A partir desta perspectiva, para a coleta de dados, optou-se pela utilização de videograções e registros observacionais em diários de campo. As videograções foram realizadas semanalmente, com duração de trinta minutos com cada bebê. No caso específico de Ana, o acompanhamento foi realizado no período de março a junho de 2016, totalizando 13 semanas de videograções. A coleta ocorreu em dias alternados da semana, em horários predefinidos pela instituição. Já o diário de campo possibilitou uma descrição do cotidiano institucional por meio do registro de situações e informações que situavam e extrapolavam o enquadre da câmera (como data, idade,

informações sobre as histórias das crianças ou de outros participantes, dentre outros).

7) Forma de análise dos dados produzidos / referencial teórico – Com base nos estudos de Lordelo e Carvalho (1998) e Cavalcante (2008), cada uma das videograções foi analisada buscando mapear a ocorrência de episódios interativos envolvendo práticas de cuidados entre as crianças. Com base nesse referencial, conduziu-se o mapeamento de onde ocorriam, quem participava e como se configuravam as interações de Ana com seus parceiros sociais. Identificados os episódios, passou-se à análise minuciosa dos tipos de práticas de cuidado. Para o presente estudo, além da apresentação geral dos resultados, selecionou-se três episódios interativos, sobre diferentes tipos de práticas de cuidado, os quais possibilitam discutir aspectos psicossociais envolvidos na sociabilidade infantil, destacando as particularidades destes processos em um contexto de acolhimento institucional marcado por circunscritores sócio-historicamente dados (Rossetti-Ferreira et al., 2004).

8) Resultados / dados produzidos – Os registros observacionais permitiram verificar que os locais onde mais ocorriam interações das crianças com Ana (bebê focal, 10 a 12 meses de idade) eram a varanda e duas salas, onde ela era colocada no chão e podia se deslocar. De tal modo, o maior número de interações de Ana com outras crianças ocorreu quando ela estava no chão (em especial, na varanda) - à altura e ao alcance das demais. O local onde era colocada mostrou, assim, ter papel significativo na promoção (ou não) das interações do bebê. Quando ela se encontrava em espaços facilitadores das interações, ou seja, quando colocada em cômodos onde havia outras crianças, ou quando retirada de berços e carrinhos que impediam sua livre locomoção para ser colocada no chão, aumentavam as ações de cuidados, já que estas condições privilegiavam o contato e o encontro com as outras crianças. É válido ressaltar que, embora o cuidado oferecido por crianças seja acolhedor e promotor de desenvolvimento, ele não substitui o cuidado do adulto. A criança que cuida também precisa de cuidados, de supervisão, de suporte. O propósito de se promover os encontros dos pares não deve ser o de aliviar a carga de trabalho do adulto, ou de tirar do adulto a responsabilidade do cuidado, mas deve ser uma prática pedagogicamente orientada, com o objetivo de fortalecer e encorajar diferentes formas de sociabilidade infantil. Semelhante ao observado por Costa e Cavalcante (2012), no presente estudo, pouco se observou a participação direta do adulto nas interações das crianças. Como já apontado, tais interações usualmente decorriam da responsividade e da sensibilidade das próprias crianças diante da presença e expressividades umas das outras. Apesar disso, a participação do adulto se dava pela forma como organizava o ambiente, nos materiais que (não)ficavam disponíveis, pelo local onde (não) permitiam a presença das crianças. Com base nessas considerações, verifica-se que os comportamentos pró-sociais e empáticos, observados nos cuidados das crianças com os bebês, promovem o desenvolvimento de competências socioemocionais e afetivas das próprias crianças que prestavam cuidados, além de também promover bem-estar aos bebês e experiências interativas responsivas. A análise dos dados evidenciou práticas de cuidados das crianças em sua maioria moduladas por preocupação, implicando em atenção, solicitude e/ou tensão. Portanto, observa-se que, por trás de um comportamento empático e cuidadoso de uma criança

direcionada a outra e dos seus benefícios, há ainda um adulto responsável pelo cuidado de ambas, o qual regula esses (des)encontros de diferentes formas.

9) Recomendações – Novos estudos, de preferência com mais participantes e em contextos variados, devem ser realizados a fim de se explorar as diversas formas de sociabilidade infantil presentes nos contextos de acolhimento. Ainda, o conjunto de resultados do presente estudo indica a importância de um trabalho institucional que priorize e incentive as interações e relações entre as crianças, compreendendo-as como um fator promotor do desenvolvimento afetivo, cognitivo e social, que viabilizam a construção de vínculos e fortalecem a rede sócio-afetiva das crianças acolhidas, em especial no que se refere ao desenvolvimento de bebês.

10) Observações e destaques – O presente trabalho representa um recorte de uma pesquisa de Doutorado realizada em uma instituição de acolhimento do Estado do Mato Grosso do Sul. Tratava-se de uma entidade pública municipal que funcionava há cerca de 17 anos e tinha capacidade para acolher até vinte crianças e adolescentes, de ambos os sexos, com faixa etária de zero a dezoito anos. No decorrer da pesquisa, de março a outubro de 2016, 14 crianças/adolescentes foram acolhidas, sendo: quatro bebês de 2 a 12 meses de idade (3 meninas e 1 menino); quatro crianças de até cinco anos de idade (3 meninas e 1 menino); e seis crianças/jovens com idade entre sete e quatorze anos de idade (3 meninas e 3 meninos). Dentre os funcionários, oito cuidadoras trabalhavam em duplas, em regime de turnos de 12 horas de trabalho por 36 horas de descanso.

Ficha construída a partir de trechos extraídos do texto original.